

O USO DO AUDIOVISUAL NAS AULAS DE HISTÓRIA DE ESCOLAS PARTICULARES DE CURITIBA SEGUNDO A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES.

Aline Nunes Silva¹
Maria do Carmo Duarte Freitas²

RESUMO

Pretende discutir a relação entre a educação e a comunicação na sociedade pós-moderna. Busca compreender de que forma recursos e linguagens proporcionados pelos meios de comunicação de massa são trabalhados na escola. O foco de estudo é o uso do audiovisual nas aulas da disciplina de História em escolas particulares de ensino fundamental de Curitiba, segundo a perspectiva dos professores. Realiza uma pesquisa bibliográfica para resgatar aspectos da sociedade da informação, as relações entre a comunicação e a educação neste contexto e o uso do audiovisual na escola. Cinco professores de cinco escolas particulares de Curitiba são entrevistados sobre o uso de recursos audiovisuais nas aulas. As entrevistas foram metodologicamente construídas a partir de roteiros semi-estruturados com base em um tópico guia. Os resultados apontam que o uso destes recursos nas aulas faz com que os alunos desenvolvam uma percepção mais apurada com relação aos meios de comunicação, aos recursos audiovisuais e conseqüentemente com relação à sociedade. Os recursos audiovisuais podem ser usados para retratar períodos históricos e para fazer ligações e relações com assuntos atuais, como a banalização da violência

Palavras-chave:

Audiovisual. Educação e Comunicação. Audiovisual e História. Professores e Tecnologias.

ABSTRACT

It is intended to discuss the relationship between education and communication in the postmodern society. Seeks to understand how the features and languages provided by the mass media are worked in school. The focus of this study is the use of audiovisual material in the lessons of history of discipline in primary school private schools in Curitiba, through the perspective of teachers. Perform a literature searches to rescue aspects of

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo - pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (UFPR).

² Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora do Curso de Graduação em Gestão da Informação da UFPR e dos Programas de Pós-Graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação e Engenharia de Produção da UFPR.

the information society, the relationship between communication and education in this context and the use of audiovisual at school. Five teachers from five private schools in Curitiba were interviewed about the use of audiovisual resources in the classroom. Interviews were methodologically built from semi-structured scripts based on a topic guide. Results show that the use of these resources in the classroom makes students develop a more accurate perception with respect to the media, audiovisual resources and consequently according to society. Audiovisual resources can be used to portray historical periods and to make connections and relationships with current issues such as the trivialization of violence

Keywords:

Audiovisual. Education and Communication. Audiovisual and History. Teachers and Technologies.

1 INTRODUÇÃO

A vida das pessoas no século XXI é - obviamente - diferente daquela vivida no passado. Os meios de comunicação de massa ocupam espaços. Fazem parte da vida da sociedade, seja para entreter, informar, distrair. Lá está a televisão ligada na sala. O computador funcionando no quarto. O rádio na cozinha.

Os acontecimentos do bairro, da cidade, do país e do mundo chegam por meio dos jornais, dos telejornais, das revistas, da internet, das redes sociais. Os meios de comunicação mediam aspectos da vida em sociedade. Tomam o espaço outrora ocupado por outras instituições sociais.

Antes era na praça - depois da missa dominical - que todos ficavam sabendo dos acontecimentos da cidade. Por meio da comunicação boca a boca. Hoje lá estão a televisão, a internet.

As crianças são o fruto desta nova estruturação social. Acostumaram-se desde pequenas com a existência dos meios de comunicação. A televisão tornou-se companhia para muitas delas. Assistem desenhos animados, telejornais, filmes e programas de entretenimento. Mexem no computador, em tablets e acessam a internet com facilidade e desenvoltura.

E quando chegam na escola o que acontece? Em alguns casos um choque. Enquanto o mundo experimenta novas linguagens, o professor muitas vezes limita a aula ao uso do livro didático e do quadro negro.

Estudiosos como Citelli e Ferrés procuram entender estas mudanças. E constataam que a escola ainda está em descompasso com a realidade. Estes contrastes existem por que a escola ainda não sabe como aproveitar as mudanças sociais em seu favor. Os meios de comunicação tornaram-se os

transmissores de informações. E a escola, como lida com estes novos paradigmas?

Este artigo retoma – primeiramente - aspectos da interface comunicação/ educação e de que forma conceitos de cada uma delas podem contribuir na construção mútua. Trata também da linguagem audiovisual e suas características, bem como do seu uso nas escolas.

Para trabalhar este tema, buscou-se a visão dos professores de História de escolas particulares de Curitiba acerca das linguagens trazidas pelos meios de comunicação, mais especificamente a linguagem audiovisual. Este recurso é usado em sala de aula? De que forma? Com que frequência? Os professores gostariam de utilizá-los? Sabem como o fazer?

2 ESPAÇO DE INTERFACE

As áreas da Educação e Comunicação são tema de estudos de teóricos como Kunsch (1986, p.6). Para ela “toda atividade educativa é uma atividade comunicativa e vice e versa”. Sendo assim, encontram-se pontos de convergência e a troca de conhecimentos entre as duas áreas proporciona o crescimento mútuo. Nas palavras de Dalla Costa e Gomes a

Educomunicação não se resume à produção material ou à crítica aos meios. Estes são apenas fragmentos de um processo que envolve pessoas, sentimentos, valores, identidades, protagonismos, vivências, conhecimento. Uma intervenção no mundo que reúne questões de ordem social, cultural, afetiva e política e que exige uma revisão epistemológica para dar conta das novas demandas da contemporaneidade. (DALLA COSTA e GOMES, 2014, p. 15).

A sociedade contemporânea possui características próprias. As tecnologias usadas pelos seres humanos no cotidiano ajudam a transformar a maneira com que percebem e modificam a realidade. Os meios e as tecnologias de/da comunicação fazem parte da vida das pessoas, que na maioria das vezes, tem acesso ao que acontece no país e no mundo desta forma. A comunicação de massa torna-se o tipo de comunicação constante na sociedade atual.

É preciso uma troca entre a comunicação e a educação para que ambas possam desempenhar de maneira mais correta e eficaz o seu papel social:

reformular todo o sistema educacional brasileiro, aplicando-se projetos inovadores que adotem, por exemplo, o estudo dos meios de

comunicação, para acabar com a estrutura autoritária e unilateral da escola, propiciando um ensino mais motivador, menos verbalista e mais sintonizado com o resto do mundo (KUNSCH, 1986, p.7)

Na sociedade contemporânea os meios de comunicação assumiram papéis que fogem do simples comunicar e informar. As informações, os exemplos de atitudes, as imagens são absorvidos por crianças e adultos. É nesta interação que, em muitos casos, meios de comunicação acabam atuando como “educadores” e “formadores de opinião”. Era o que já alertava Kunsch (1986, p. 8) em meados dos anos 80 ao dizer que a escola “não pode mais ficar distanciada dos meios de comunicação, que exercendo hoje uma influência decisiva, educam mais do que a própria escola”. Evidentemente este não é o papel dos meios. Por isso, a escola precisa atuar em duas frentes complementares. Primeiro, preparando os alunos para o contato com rádio, televisão, internet, redes sociais, etc. Ensinando crianças e adolescentes a entender a linguagem midiática enquanto uma interpretação e uma apresentação da realidade. Ao mesmo tempo, a escola precisa se redefinir, usando os meios de comunicação em seu âmbito e conseqüentemente preparando os alunos para um contato sadio com eles. Entender que a educação não está restrita ao ambiente escolar já era uma percepção de Célestin Freinet (1896 – 1966) que entendia que “a função educativa não está de modo algum confinada às paredes da escola” (FREINET, 1966, p. 296).

Assim, educadores e comunicadores precisam assumir novos papéis diante das novidades impostas pela sociedade contemporânea: “uma postura crítica frente ao papel reprodutivo da escola e dos mídia da ideologia dominante e, por outro lado, têm que levar as pessoas a fazer uma leitura crítica das mensagens veiculadas, a desvendar os temas da comunicação” (KUNSCH, 1986, p. 8).

3 A ESCOLA E A MUDANÇA

Vivemos um tempo de fortes transformações que se refletem “nos modos contemporâneos de ver e sentir (CITELLI, 2000, p.19). O surgimento das tecnologias da informação e o conseqüente avanço das comunicações criaram “novos processos de apreensão, convivência e circulação dos eventos

disponibilizados pelos recursos comunicacionais” (CITELLI, 2000, p.19), acentuados pelo crescente avanço da internet e das redes sociais.

Para se adaptarem à nova realidade todas as instituições sociais se transformam. A escola é uma destas instituições que busca adaptar-se aos novos tempos.

É o que sugerem também os pesquisadores Green e Bigun. Segundo eles, “até o presente momento, o apagamento das fronteiras e a inclinação à reconfiguração espacial demonstrados pelas novas tecnologias de informação e comunicação sugerem que as escolas e outras instituições sociais, tais como bibliotecas públicas, deverão ser, no mínimo significativamente reconstruídas” (GREEN;BIGUM, 1995, p.234).

Ao mesmo tempo em que a sociedade transformou-se, os seres humanos também mudaram. Um novo tipo de subjetividade forma-se a partir das negociações entre a cultura das crianças/jovens e a mídia. Essa negociação leva o homem a perceber-se, perceber o outro e criar sua identidade de forma diferente, que se pode chamar de subjetividade pós-moderna. (GREEN; BIGUM, 1995, p.214). A presença da mídia na rotina das pessoas acaba mediando os processos de desenvolvimento do ‘eu’. “A experiência da mídia torna-se generalizada e familiar e começa a dirigir nossas formas de compreender a nós próprios” (IDHE apud GREEN;BIGUM, 1995, p. 227).

É assim que novas pessoas surgem, com novas identidades, com novas habilidades. Estas criaturas são as crianças, os adolescentes e os jovens que sentem as mudanças e são os reflexos da nova era. Passam horas em frente à televisão, jogando videogame, navegando na internet. Os mais novos estão acostumados com as novas noções de tempo e de espaço trazidas pelas novas tecnologias.

Assim Green e Bigun concluem que “nossas interações com a tecnologia, especialmente com as novas tecnologias da informação e da comunicação, tornaram-se tanto um recurso para nossa própria auto - produção quanto instrumental nessa auto-produção e, portanto, de forma mais geral, para nossa produção - de - sujeito” (GREEN; BIGUM, 1995, p.227).

Por isso, é importante entender que as crianças e jovens atuais, que na escola desempenham o papel de alunos não funcionam apenas no espaço da escola. A sua percepção de mundo é formada a partir de diversos aspectos

sociais. Na sociedade atual, as possibilidades são ainda mais amplas. O aluno “constrói gradualmente a sua visão de mundo a partir de um conjunto de espaços que hoje trabalham o conhecimento, e a conexão da escola com estes diversos universos, tornada possível pelas novas tecnologias que são essenciais” (DOWBOR, 2001, p.47).

Portanto, a escola precisa entender o nexos existente entre a cultura da mídia e a própria escolarização para que o aluno não se sinta perdido, nem em contradição. Os espaços pelos quais circula devem estar em harmonia. Os alunos não podem se sentir como estranhos quando sentam em suas carteiras nas salas de aula. É o que pensam também Green e Bigum ao afirmarem que os educadores devem avaliar o que ocorre em sala de aula quando “alienígenas entram e tomam seus assentos, esperando (im)pacientemente suas instruções sobre como herdar a terra” (GREEN;BIGUM, 1995, p.218).

A escola necessita adaptar-se para atender às novas expectativas. Os estudantes de hoje podem usar tecnologias, como a Internet, para fazer pesquisas em casa ou durante a aula com o simples toque em um smartphone. Da mesma forma, a televisão, além de entreter, funciona como meio de transmissão de notícias. “(...) As novas tecnologias colocam desafios organizacionais na escola, mas também colocam desafios institucionais mais amplos ao sistema educacional em geral” (DOWBOR, 2001, p.53) já que a escola deixou de ser a única provedora das informações. Por isso, precisa repensar-se principalmente no tocante à sua função social já que deixou de ser o contexto socializador crítico, dando espaço à mídia que está “centralmente implicada na (re)produção de identidades e formas culturais estudantis” (HINKSON apud GREEN;BIGUM, 1995, p.210).

Com as novas tecnologias de informação, a escola não pode ser apenas mera transmissora de informações para seus alunos, pois:

Outros meios as repassam de maneira mais eficiente e até mais atrativa. Assim, a escola deve buscar desenvolver conteúdos que sejam significativos para os sujeitos envolvidos no processo educacional, para a humanidade, para a vida (BRIDI, 2002, p.103).

Para isso deve fazer uso das ferramentas e das novas possibilidades proporcionadas pela sociedade pós-moderna. Citelli (2000) acredita que hoje os meios de comunicação mediam os processos educativos e que a escola deixou de ser a única provedora da educação.

É perceptível, portanto, que a escola já é influenciada pela mídia e pelas ferramentas da sociedade da informação, de maneira que hoje “parece evidente que está sendo construída, atualmente, uma nova relação entre a escolarização e a mídia” (GREEN;BIGUM, 1995, p. 214).

A relação entre a mídia (e seu papel na Sociedade da Informação) e a escola gera um deslocamento sensível. Em outros tempos a escola foi a principal propagadora e afirmadora das regras sociais. Seu papel principal era moldar as crianças para o convívio em sociedade. No entanto, hoje, há “um importante deslocamento da escola para a mídia como aparelho ideológico dominante” (GREEN;BIGUM, 1995, p. 214). O papel da instituição escola deixa de ser apenas o de aparelho ideológico do estado, não sendo mais sua principal função inculcar nas crianças valores sociais.

Citelli também percebe a escola sem sintonia com a nova sociedade, precisando recriar-se. “Talvez o termo descompasso seja o mais adequado para designar a situação presente vivida pelas escolas dos ciclos fundamental e médio diante dos meios de comunicação e das novas tecnologias” (2000, p.21 e 22). Da mesma forma o teórico Ferrés afirma que a escola e a sociedade atual estão dissociadas. “É indiscutível que há uma dissociação entre a escola e a sociedade, entre a forma de aproximação à realidade que praticam os alunos fora do contexto escolar e que lhes é imposta na escola” (FERRÉS, 1996, p.12).

Neste sentido Ferrés, citando Leonard e Mc Luhan, reafirma as contradições entre a instituição escola e a sociedade concluindo que “as instituições escolares desperdiçam cada dia mais e mais energia para preparar seus alunos para um mundo que já não mais existe” (1996, p.9). Da mesma maneira, o teórico acredita que as escolas continuam ancoradas em métodos de ensino do passado.

4 LINGUAGEM AUDIOVISIAL NA ESCOLA

Quando a fotografia foi inventada e tornou-se popular, estudiosos imaginaram que a imagem substituiria as outras linguagens. A palavra escrita e falada ficaria em segundo plano, dando lugar às imagens paradas. Este pensamento é também consequência da conclusão de que tecnologias determinam a maneira com que os seres humanos percebem e transformam a

realidade e se comportam.

Com esta visão, Benjamim (apud PRETTO,1996), chegou a dizer que o analfabeto do futuro não seria aquele que não soubesse ler e escrever, e sim aquele que não soubesse fotografar e conseqüentemente ler imagens. Seguindo esta linha de raciocínio, Pretto (1996, p.99) afirma que “hoje com a proliferação generalizada de imagens pelos meios de comunicação, podemos ir um pouco mais além e afirmar que o analfabeto do futuro será aquele que não souber ler as imagens geradas pelos meios eletrônicos de comunicação”. A partir destes raciocínios é possível inferir também que analfabeto hoje é aquele que não consegue compreender as mensagens dos meios de comunicação enquanto produções e interpretações acerca do mundo e não como sendo a própria realidade.

A importância de saber ler as imagens justifica-se pelo fato de que hoje elas tomam espaço no cotidiano. Vermelho (2003, p.110) apresenta essa idéia: “A TV, a fotografia, o outdoor, o cinema, todas elas fazem parte do nosso cotidiano, veiculando imagens as quais vêm assumindo um papel central na formação do indivíduo, pois são imagens que têm um discurso próprio. Assim como as máquinas nas fábricas impõem um modo de ‘ser trabalhador’, os meios de comunicação nos impõem um modo de ser cidadão [...]”. A visão de Bueno; Dalla Costa e Bueno corrobora com os argumentos de Vermelho (2003) quando colocam:

a sociedade contemporânea está condicionada pelas tecnologias e mídias que geram novas sensibilidades humanas e modificam a maneira de organizar muitas atividades. Existe a necessidade de a educação estar atenta a essas mudanças e levar para o interior da escola um trabalho que contemple a inter-relação comunicação/educação, ou seja, a educomunicação. (BUENO; DALLA COSTA e BUENO, 2013, p. 496)

O pensamento de Pretto (1996) e de Vermelho (2003) coincide com a percepção de que hoje a sociedade exige outras habilidades das pessoas, bem como os indivíduos têm novas necessidades. A propagação e a importância das imagens são parte integrante da Sociedade da Informação. “Dessa forma, podemos pensar que nós nos construímos psiquicamente como sujeitos, sociologicamente como cidadãos sendo profundamente marcados pelas imagens veiculadas pelas mídias que intermedeiam a nossa relação com o espaço e com os grupos sociais nos/com os quais interagimos” (VERMELHO, 2003, p.111). Torna-se, portanto, uma linguagem de uso recorrente que transmite mensagens e

informações de uma maneira diferente. E pode-se dizer ainda que hoje além das imagens, as novas tecnologias proporcionaram também o advento do audiovisual, ou seja, das imagens em movimento acrescidas do som.

Para entender a importância do audiovisual no mundo pós-moderno, precisa-se primeiramente definir o que é o audiovisual. A palavra composta se refere ao que pertence e toca a visão e a audição. Desta forma, o termo pode ser utilizado de duas maneiras. A primeira é a forma conjuntiva, que se refere a meios e/ou obras que integrem imagens visuais e sonoras. O sentido disjuntivo, e menos apropriado, é aquele que se refere a meios e/ou obras que incorporam um elemento ou outro. (FERRÉS, 1996, p.128). Destaca-se que, neste artigo, a referência ao termo audiovisual pressupõe o uso conjuntivo do termo, ou seja, refere-se a materiais que usem a integração entre os sentidos visual e o sonoro como forma de expressão.

A definição de audiovisual propõe algumas características da linguagem. Por trabalhar com mais de um sentido, o poder de síntese deve ser muito bem empregado. “Os significados devem ter origem na adequada interação dos diversos elementos expressivos que entram em jogo. Uma boa síntese, uma adequada interação dos elementos expressivos, manifestam-se no fato de que se produz no receptor uma experiência unificada” (FERRÉS, 1996, p.130). É justamente esta experiência que é interessante, uma vez que apenas os seres humanos que tiveram acesso a esta linguagem puderam senti-la, como é o caso das crianças do século XXI.

Enquanto o audiovisual toma espaço na sociedade pós-moderna, na escola as linguagens valorizadas são ainda aquelas relacionadas a outro tipo de cultura, a escola está “fundamentada apenas no discurso oral e na escrita” (PRETTO, 1996, p.98). Durante sua história, baseou-se em ferramentas como os livros, o papel e o quadro de giz como mediadores do ensino. “É um facto que a escola é uma instituição que se baseia, desde há cinco mil anos, no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, desde há quatro séculos no uso moderado da imprensa” (LÉVY, 1990, p.11).

Segundo Pretto (1996), o problema da escola em lidar com as imagens a torna uma instituição deslocada e muitas vezes ineficiente, já que ignora linguagens que fazem parte da realidade. Para ele, é preciso considerar “a linguagem audiovisual como a linguagem da sociedade do próximo milênio”

(PRETTO, 1996, p.103). (O próximo milênio ao qual o autor refere-se é o atual). Nesta sociedade outros valores são importantes. Há uma preocupação maior em valorizar, por exemplo, as emoções humanas, que por séculos foram marginalizadas em favor da razão, como foi proposto no item anterior. O uso da linguagem audiovisual nas escolas sintoniza-se com esta idéia, uma vez que seu funcionamento enquanto linguagem está intimamente relacionado às emoções que por integrarem os “elementos visuais e sonoros são portadoras de idéias” (EISENSTEIN, 1970, apud FERRÉS, 1996, p.13).

“Uma verdadeira integração da informática (e do audiovisual) implica, portanto, o abandono de um *habitus* antropológico mais do que milenário, algo que não se pode fazer em poucos anos” (LÉVY, 1990, p.11). O “*habitus* antropológico” citado por Lévy, nada mais é do que a forma com a qual a instituição escolar está acostumada a passar as informações para seu receptor. Para Ferrés (1998, p.132), a linguagem verbal processa as informações de maneira linear, enquanto o audiovisual, por exemplo, processa em paralelo, tornando-se assim “um sistema diferenciado de expressão, uma maneira específica de processar as informações, uma linguagem (sempre que for dado um sentido metafórico à expressão)”.

Assim, as novas linguagens e as antigas encontram-se em um período de imbricação. A introdução das tecnologias ao ensino convencional, além de contribuir para autonomia do estudante e da eficiência do processo de ensino-aprendizagem, também exige a redefinição dos papéis do professor quanto a sua responsabilidade na escola (JACKIW; DIAS; DALLA COSTA, 2011).

Existe ainda uma dificuldade por parte das escolas em incorporar os novos elementos. Enquanto as crianças e os jovens já possuem “um outro comportamento intelectual e afetivo, baseado em uma outra razão” (PRETTO, 1996, p.105), os educadores ainda vivem a cultura escrita. O resultado inicial deste conflito é o que o Babin (apud PRETTO, 1996), chama de cultura de mixagem e de estéreo. A mixagem acontece porque não há uma passagem brusca da chamada cultura do livro para a audiovisual, as duas coexistem. “Entramos num período não de exclusão, mas de mistura” (BABIN; KOULOUMDJIAN, apud PRETTO, 1996, p.105). O fenômeno da mixagem dá origem ao outro, o estéreo, uma vez que “na união, respeitam-se dois canais diferentes, cada um com sua sonoridade própria e predominando um de cada

vez” (BABIN; KOULOUMDJAM, apud PRETTO, 1996, p.105). Porém, é importante ressaltar que as negociações entre as linguagens não levam apenas à simples substituição de uma pela outra. “[...] a sucessão da oralidade, da escrita e da informática, como modos fundamentais de gestão social do conhecimento, não se verifica por simples substituição, mas antes através da complexificação e do deslocamento de centros de gravidade” (LÉVY, 1990, p.12).

Os problemas da escola em usar os recursos e as oportunidades oferecidas pelo audiovisual não se restringem apenas à sua forte ligação com outros tipos de linguagens, e conseqüentemente outros tipos de cultura. Há dificuldade também em saber como usar o recurso. O audiovisual é visto muitas vezes apenas como um meio e um recurso tecnológico e não como uma nova forma de expressão. Para o teórico Ferrés (1998), nem sempre os estudiosos que procuram inserir o audiovisual no contexto escolar conseguem superar esta barreira:

o audiovisual é abordado quase exclusivamente de acordo com uma perspectiva técnica. A tendência é reduzir os audiovisuais aos meios. Caímos naquilo que poderíamos denominar de *fetichismo da tecnologia*. Consiste em acreditar ingenuamente que basta que uma mensagem seja veiculada por uma máquina para que ela seja eficaz. Pensa-se, talvez, que, se a televisão ou a publicidade são sedutoras, é devido às tecnologias pelas quais os discursos são transmitidos (FERRÉS, 1996, p. 129).

O audiovisual não é, portanto, apenas um recurso tecnológico. Traz consigo expressão e linguagem própria, atingindo o destinatário de maneira diferente. No entanto esta visão reducionista pode ter explicação no fato de que “o universo das comunicações audiovisuais é, aparentemente, de todo acessível para qualquer tipo de usuário [...]” (FERRÉS, 1996, p.127). Por ser acessível à grande maioria das pessoas, todos se consideram informados na área dos audiovisuais. Isso gera um problema, já que a convivência com a linguagem audiovisual não leva a um conhecimento do funcionamento e dos mecanismos de produção de significado proporcionados pelos audiovisuais. Cria-se “uma série de equívocos, confusões e reducionismos evidenciados quando se tenta uma abordagem educativa deste âmbito, ou quando se pretende integrar o audiovisual como técnica ou como recurso para o ensino” (FERRÉS, 1996, p.127).

Pelos motivos apresentados acima, é necessário entender que “cada tecnologia possui uma forma de expressão, e somente com o conhecimento e

com o aproveitamento da especificidade técnica e expressiva de cada meio se pode pensar em uma adequada utilização didática” (FERRÉS, 1996, p.129). Por isso, não basta apenas usar o audiovisual enquanto recurso técnico nas aulas, esquecendo o que o torna especial hoje. Sem sua expressão própria, o audiovisual deixa de ter um papel importante e deixa de ter sentido.

Para demonstrar o quanto o recurso técnico usado por si só não tem efeito basta imaginar um professor que grave, com uma câmera de vídeo, uma aula. Depois coloca uma televisão em sala de aula e reproduz o material gravado por ele para seus alunos. Ao contrário de despertar o interesse, o professor conseguirá criar monotonia entre os estudantes. Isto prova que o recurso tecnológico serve apenas como ferramenta de apoio para uma nova linguagem, esta sim atraente. “A máquina não contribui em nada para a sedução dos discursos. Se a televisão ou a publicidade exercem fascínio é pelo tipo de discurso e não pelo meio em si, é uma questão de linguagem, de discurso, não de aparelhos” (FERRÉS, 1996, p.129).

4.1 Metodologia

Cinco professores de História de cinco escolas particulares de Curitiba foram entrevistados sobre o uso do audiovisual nas aulas. Decidiu-se escolher os professores entrevistados a partir da escola na qual trabalham. Assim, cinco escolas particulares foram selecionadas, cada uma com características diferentes que, no entanto, poderiam ser as representantes de outros grupos de escolas com valores e caminhos pedagógicos similares.

As entrevistas individuais de caráter qualitativo são “uma tentativa de analisar logicamente o conhecimento tácito que alguém desenvolve” (GASKELL, 2002, p.64). Em outras palavras, as entrevistas são uma forma de procurar compreender situações e apreender conhecimentos que fazem parte da vivência de cada indivíduo.

Os professores foram entrevistados durante uma hora com base em um roteiro semi-estruturado apoiado em um tópico guia. Durante a confecção do tópico guia para entrevistar professores de História do ensino fundamental, separou-se os assuntos que deveriam ser abordados durante as conversas.

A primeira questão definida para a abordagem é saber se os professores

usam ou não o audiovisual, e qual o motivo da escolha. Por conseguinte torna-se necessário entender também de que forma o audiovisual é usado nas salas de aula, se há o entendimento por parte dos professores de que o audiovisual não é apenas um recurso tecnológico como também uma linguagem específica. É preciso saber também em quais casos o material é usado e com qual objetivo. As escolhas dos professores ao empregar o recurso determinam a visão que têm do audiovisual e as circunstâncias nas quais os alunos vão recebê-lo.

5 Resultados

Nesta seção são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa empírica.

5.1 Perfil dos entrevistados

A professora do Colégio A dá aulas há 10 anos. É graduada em Ciências Sociais e tem mestrado em Sociologia. O professor do Colégio B dá aulas há mais de vinte e dois anos e é formado em Direito, Filosofia, História e Geografia. O professor da Escola C exerce a profissão há 10 anos, é formado em História e tem pós-graduação em Magistério Superior. A professora da Escola D dá aulas há 14 anos. É graduada em História e tem mestrado em Construção Escolar do Gênero na Subjetividade Infantil. A professora do Colégio E é formada em História e dá aulas há 17 anos.

5.2 Relatório das Entrevistas

O relato das entrevistas será apresentado seguindo o tópico-guia que serviu como uma forma de roteiro semi-estruturado para a realização das mesmas. A apresentação será dividida em dois grandes temas. O primeiro deles refere-se à utilização de recursos audiovisuais pelos professores na sala de aula. O segundo tema trata da percepção dos professores acerca de seus alunos, que hoje têm acesso aos mais variados tipos de informações veiculadas pelos meios de comunicação. Refere-se também à relação existente entre a educação e os meios de comunicação.

O uso do audiovisual é frequente nas aulas de História dos professores

entrevistados. Há interesse por parte deles em usar o recurso audiovisual. Cada professor desenvolveu uma maneira própria de trabalhar com o recurso durante as aulas. Alguns mediam o audiovisual com explicações e uso de outros recursos como recortes de jornal, trechos de livros didáticos e revistas.

É interessante ressaltar que os educadores o utilizam não apenas como recurso tecnológico, mas, também enquanto linguagem de apoio, motivação e de ilustração para a disciplina.

No caso do professor da Escola C, o recurso é usado para motivar os alunos. A professora do Colégio E vai além da simples motivação. Usa o material audiovisual como fonte de informações adicionais. Antes da apresentação do material contextualiza o tema e durante a apresentação faz pausas para tecer comentários. Trabalha como mediadora entre as diferentes linguagens, o que acaba desenvolvendo nos alunos uma nova leitura do material assistido.

Os professores destacam também a importância do recurso como retratador do modo de vida das pessoas em determinados períodos históricos. Nas palavras da professora da escola D: “o uso do audiovisual é bom para as crianças sentirem como era a vida no período que a gente está estudando”. Para a professora do Colégio E, o recurso audiovisual responde a uma série de perguntas dos alunos sobre aspectos cotidianos dos períodos históricos estudados, como a cultura e o modo de vida de cada época.

O professor do Colégio B também destaca o audiovisual enquanto concretizador de informações abstratas para os alunos. As imagens retratam aspectos da história que acabam sendo deixados de lado por outros materiais didáticos, como os valores de cada época. O audiovisual, para ele, deve fazer a ponte entre o passado histórico e a sociedade atual.

O audiovisual é empregado nas aulas de alguns dos entrevistados como leitura diferenciada da realidade, seja ela histórica ou atual ou mesmo a relação entre as duas. É utilizado, por alguns professores, para desenvolver uma percepção crítica dos alunos sobre aquilo que assistem, sejam filmes, documentários, telejornais ou desenhos animados. O objetivo é fazer os alunos perceberem que o audiovisual não é um retrato da realidade e sim uma interpretação do mundo que carrega consigo valores e ideologias de quem produziu o material.

Desta forma, o recurso é usado para trabalhar as diferentes visões de um fato histórico, por exemplo. Nas palavras da professora do Colégio A: “na verdade, esse material audiovisual traz uma outra leitura de realidade, principalmente dependendo do conteúdo. Os alunos já viram e passa batido (...). Além disso, muitos filmes produzem uma visão de mundo (...). Eu acredito que isto contribui para o aprendizado deles, além de fornecer outra perspectiva de leitura também”.

Segundo a percepção dos professores entrevistados, o recurso audiovisual é também uma fonte de informações com linguagem atraente para o aluno. Muitas vezes as informações trazidas por determinado filme ou documentário não podem ser encontradas em outros meios. Para a professora da Escola D: “o filme tem a função de fazer eles (os alunos) vivenciarem o período estudado. (...)Traz a possibilidade de ver os personagens históricos como humanos. Personagens importantes em situações cotidianas. (...) Dá a sensação real de que a pessoa que faz a História é uma pessoa comum, então ela também pode fazer História”.

O professor do Colégio B usa em suas aulas muitos recursos proporcionados pelos meios de comunicação como filmes, jornais e revistas. Ele também acredita que a linguagem audiovisual complementa as informações trazidas por recursos que podem ser usados nas escolas, como o livro didático e a fala do professor.

Para a professora do Colégio A o audiovisual traz uma nova leitura da realidade atual e também dos períodos históricos. Por isso, o uso do recurso nas aulas faz com que os alunos desenvolvam uma percepção mais apurada com relação aos meios de comunicação, aos recursos audiovisuais e conseqüentemente com relação à sociedade.

Os recursos audiovisuais podem ser usados para retratar períodos históricos e para fazer ligações e relações com assuntos atuais como a banalização da violência. Nas palavras da professora: “eles precisam se alfabetizar também nessa linguagem. Ela é formadora de opinião e eles às vezes nem percebem”.

A descrição dos professores quanto à reação dos alunos quando da utilização do recurso audiovisual nas aulas varia. Segundo alguns educadores, o material consegue ligar realidade e passado histórico no raciocínio dos alunos, desenvolvendo uma nova perspectiva. Segundo a professora do Colégio E: “eles

têm uma visão diferenciada. Eles falam: olha! Não tinha visto isso, visto aquilo. Olha! Isto acontece! Então, eu entendo que a primeira vez que ele viu aquilo como um lazer, ele foi lá e consumiu aquele produto (o audiovisual). Agora eu uso aquilo como um referencial para resgatar um momento da história”.

A professora do Colégio A percebe nos alunos o desenvolvimento de uma percepção crítica do material assistido. Já o professor da Escola C usa o recurso para tentar motivar os alunos que, no entanto, não reagem positivamente ao uso do meio. Nas palavras do professor: ”o audiovisual é instrumento didático bastante importante, mas hoje ele não está trazendo aquilo que nós esperávamos. Você percebe que o aluno não está demonstrando interesse, mesmo que você queira inovar nessa área (...) Nós procuramos sair da educação tradicional, na qual o professor passava a matéria no quadro, explicava, o aluno copiava. A gente procura sair desse caminho, mas vê que também não está funcionando muito bem. Existe um falta de interesse do aluno em si”.

Mas para a professora do Colégio E, o uso de diferentes linguagens não ajuda apenas na relação entre realidade e História, ou na motivação dos estudantes. Auxilia no aprendizado, uma vez que cada um tem um estilo cognitivo diferente: “é assim, primeiro que cada pessoa tem uma maneira de aprender. Tem o visual, o sonoro. Então, isso (o uso do audiovisual) é muito importante, porque ele está vendo aquilo lá, está concretizando, principalmente a pré-história. Ele vê, concretiza, fica palpável”.

A variedade de tipos de recursos audiovisuais usados pelos professores é grande. Filmes, trechos de novelas e minisséries, desenhos animados e vídeos documentários são usados nas aulas. No entanto, é justamente com o vídeo documentário que os professores têm mais dificuldade em trabalhar.

Para a professora da Escola D, usar vídeos documentários nas aulas pressupõe um árduo trabalho do professor enquanto mediador entre o material audiovisual, a disciplina e a realidade.

O professor do Colégio B destaca uma dificuldade inicial no uso dos vídeos documentários em sala de aula: os alunos não se sentem interessados pelo material de antemão. “No início eles não gostam. Eles não gostam porque estão acostumados aos filmes de violência, de ação e o documentário exige reflexão. Mas na medida em que você trabalha o documentário com curta duração, ou seja, você para, faz reflexão em cima daqueles dados apresentados, eles percebem

com outros olhos”. Para o professor, os vídeos documentários sofrem por usar uma linguagem muito séria, o que acaba sendo cansativo para os alunos. O papel do professor ao usar o recurso é despertar o interesse, relacionando as informações trazidas pelo vídeo documentário com o cotidiano dos alunos. Na opinião do professor, se jornalistas e professores trabalhassem juntos na produção de documentários, o resultado do material seria melhor.

A professora do Colégio E também percebe o vídeo-documentário como sendo monótono para os alunos. Porém, ela destaca o compromisso com a verdade como sendo a característica principal e essencial deste tipo de audiovisual. Para usá-lo em sala de aula basta saber mediar a apresentação do material com explicações.

Alguns entrevistados acreditam que o uso do recurso audiovisual ainda precisa ser mais bem trabalhado nas escolas. As dificuldades apontadas pelos professores variam desde a confecção do material audiovisual até a maneira de usar a linguagem em uma sala com alunos de realidades diferentes. A professora do Colégio E define a sua dificuldade da seguinte forma: “o grande desafio para nós enquanto professor hoje é saber usar isso (audiovisual) como um canal para despertar esse conhecimento num lugar fechado, que é a tua sala de aula, com realidades que são completamente diferentes. Existem crianças que acessam a internet direto e aqueles que os pais não deixam. Então, você vai ter que ir intermediando isto, para que ele use esse conhecimento de uma forma positiva”.

A professora do Colégio A destaca a dificuldade do tempo de duração dos audiovisuais: “acho complicado fazer recortes, porque se você vai passar uma obra, tem que passar inteira e leva geralmente duas horas. Mas o que dá pra notar é que principalmente esse conteúdo da idade contemporânea tem uma coisa que eles já assistiram”. Para ela seria interessante se existisse um material audiovisual especialmente desenvolvido para ser usado em sala de aula ou que cada professor pudesse montar o seu próprio: “eu vejo que não existe, ou eu pelo menos não conheço, um material (audiovisual) para se usar em história. É tudo muito falho, o que acaba não ajudando. O legal seria montar o meu próprio material. Muitas imagens, como na Revolução Francesa, quando eu montei cenas pra trabalhar com os alunos sobre a revolução, mas isso é muito trabalhoso”.

Para o professor do Colégio B também falta tempo para os professores prepararem o material para ser usado nas aulas: “a dificuldade que a gente tem é

a falta de tempo de preparar, porque você tem que editar esse material. Você não vai passar um filme de uma hora para o aluno, é pedagogicamente inviável. O obstáculo é editar o que você quer, mas o que você realmente quer num determinado filme?”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se discutir a relação existente entre comunicação e educação na sociedade contemporânea. O enfoque dado ao tema determinou a escolha do referencial teórico e o estabelecimento dos procedimentos metodológicos.

As considerações finais são, portanto, frutos da questão inicial: entender a percepção dos professores sobre o uso do audiovisual nas aulas de História em escolas particulares de Curitiba.

Para compreender esta relação, fez-se necessário resgatar conceitos da interface comunicação/ educação e a relação com a linguagem audiovisual proporcionada pelos meios de comunicação.

Por outro lado, buscou-se também a vida cotidiana e real da escola: saber o que pensam os professores sobre o uso da linguagem audiovisual nas escolas particulares, mais especificamente nas aulas de História. Desenvolveu-se um procedimento metodológico que proporcionasse uma visão mais próxima de como o recurso audiovisual é usado na educação. Decidiu-se, portanto, entrevistar professores de História de ensino fundamental de escolas particulares. O objetivo das entrevistas foi entender, a partir da visão dos educadores, como o recurso é trabalhado nas escolas.

Pelo resultado das entrevistas evidenciou-se que os professores procuram usar em suas aulas o recurso audiovisual. No entanto, nem todos sabem de que maneira, em que momentos ou com qual objetivo empregar o recurso. Assim, muitos deles acabam valendo-se do mesmo apenas como motivador dos alunos, limitando as possibilidades que poderiam ser proporcionadas.

Alguns dos entrevistados conseguem aproveitar o recurso audiovisual e outros materiais oriundos dos meios de comunicação (como jornais e revistas) em suas aulas, usando-os como elo de ligação entre a disciplina e a realidade. Os educadores com esta visão criam interesse nos alunos, que inclusive passam a contribuir com as aulas trazendo recortes de matérias de jornais e gravações de

reportagens de telejornais. Além disso, conseguem despertar um espírito crítico nos estudantes e estimulá-los a compreender os discursos produzidos pelos meios de comunicação enquanto tais.

Neste sentido é possível relacionar o estudo dos autores do tema e a análise das entrevistas. A partir da pesquisa bibliográfica compreendeu-se que a escola está fora de sintonia com a realidade. O aluno, portanto, sente-se estranho no ambiente escolar por não conseguir relacionar o seu mundo com aquele apresentado pelos professores.

A partir da análise das entrevistas notou-se que na medida em que o professor consegue relacionar a realidade com a disciplina, o interesse do aluno aumenta. Quando o educador consegue fazer o papel de mediador entre os meios de comunicação e suas linguagens e a disciplina, os alunos incluem a escola na realidade objetiva e passam a entender também a importância da educação. Por outro lado, alguns professores afirmaram perceber nos alunos um olhar crítico e um maior entendimento das mensagens e linguagens dos meios de comunicação quando estes são trabalhados nas aulas.

Pode-se dizer que foi possível entender, a partir da visão de um grupo de professores, como o recurso audiovisual é empregado nas aulas de História de algumas escolas particulares de Curitiba. Entretanto, é preciso estabelecer as fronteiras do estudo proposto: cinco professores de escolas particulares. Futuras pesquisas podem expandir os horizontes, buscando fazer, inclusive um estudo comparativo entre o uso do recurso audiovisual nas escolas públicas e nas privadas.

A partir deste estudo também é possível (re)pensar a relação de duas linhas de pesquisa na área de comunicação: a educação com as mídias e a educação para as mídias, uma vez que as duas estão extremamente relacionadas no ambiente escolar e na percepção dos professores. Segundo alguns deles é possível notar o aluno mais crítico com relação às mensagens dos meios de comunicação quando as mesmas são trabalhadas como recurso didático.

Este trabalho aponta, também, um novo mercado de trabalho para comunicadores e jornalistas. Alguns dos professores entrevistados sentem a necessidade de materiais audiovisuais especialmente preparados para o uso escolar. Da mesma forma, é preciso ensinar as crianças como usar as linguagens e os meios de comunicação aos quais elas têm acesso para que sejam também

“alfabetizadas” com estes recursos, que hoje assim como a Geografia, a Matemática e a História fazem parte da vida de todas as pessoas.

REFERÊNCIAS

BRIDI, Maria Aparecida da Cruz. O uso do filme e imagens no ensino de história. **Revista Educação em Movimento**, Curitiba: v.1, n.2 , p. 103-106, maio/ago., 2002.

BUENO, P. A. R.; DALLA COSTA, R.M. C.; BUENO, R. E. A educomunicação na educação musical e seu impacto na cultura escolar. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 493-507, abr./jun. 2013.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CITELLI, Adilson. **Outras linguagens na escola**: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática. São Paulo: Cortez, 2001.

DALLA COSTA, R. M. C.; GOMES, E. R. Educomunicação e ação social: as práticas educacionais nos centros de referência de assistência social de Curitiba. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 23. Belém, 27-30, maio, 2014. **Anais...** 2014.

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento**: os desafios da educação, Petrópolis: Vozes, 2001.

FERREIRA, Oscar Manuel de Castro; SILVA JUNIOR, Plínio Dias da. **Recursos audiovisuais no processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1986.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREINET, Celestin. *Para uma Escola do Povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

GREEN, Bill ; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução dos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

JACKIW , E.; DIAS, L. O.; DALLA COSTA, R. M. C. TV Multimídia na escola: uma pesquisa empírica sobre comunicação e educação. In: INTERCOM, 12. Londrina, 26-28 maio, 2011. **Anais...**2011.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

PRETTO, Nelson de Lucca. **Uma escola sem/com futuro**: educação e multimídia. Campinas: Papirus, 1996.

PRETTO, Nelson. Educação em tempo de conexões totais. **O Paulino**, Salvador, v.1, n.3, p.7, 1997.

VERMELHO, S. C. Mídia educacional ou educação com as mídias? **Revista Educação em Movimento**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 37-43, maio/ago. 2002.

VERMELHO, S. C. Didática e/ou tecnologia? **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 10, p. 107-129, set./dez. 2003.